

## **A importância de atenção individualizada nas oficinas em saúde mental: um relato de experiência.**

Autor (Clara Viviane Claudino Henriques); Co-autor (Tatilene de Souza Cassiano); (Lorena  
Bandeira Melo de Sá)

*Centro Universitário Maurício de Nassau: [clara.viviane@hotmail.com](mailto:clara.viviane@hotmail.com); [lobandeira@hotmail.com](mailto:lobandeira@hotmail.com);  
[tatilene\\_@hotmail.com](mailto:tatilene_@hotmail.com)*

### **Resumo**

Os sujeitos que possuem algum tipo de psicose, tido como “loucos”, no curso da história foram marginalizados por muito tempo. Após a Reforma Psiquiátrica esse cenário mudou, onde foram instaurados novas práticas de cuidado e de ressocialização, a exemplo das oficinas de arteterapia. O objetivo deste trabalho é estudar a importância das oficinas em saúde mental, e a assistência individualizada para o usuário do serviço. A pesquisa foi inspirada através de um estudo de caso baseado em uma vivência interventiva, evidenciando a atenção flexível peculiar como conduta terapêutica em favor da subjetividade do paciente, realizada na Residência Terapêutica Feminina III, administradas pelo Centro de Convivência, Cultura e Artes de Saúde Mental, situada em Campina Grande/PB, com interface de uma revisão integrativa. Os artigos foram pesquisados nos bancos de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), artigos em português. A maior importância desse estudo é compartilhar a experiência da oficina em arteterapia e a assistência individualizada para o usuário do serviço de saúde mental. Conclui-se que existe uma rica bagagem de arcabouço teórico sobre o presente tema nos bancos de dados.

**Palavras-chaves:** Oficina, Usuário, Saúde Mental.

### **Introdução**

A institucionalização dos ditos loucos começou na idade média com a exclusão social de determinada parte da população, onde nos chamados “nau dos loucos” as pessoas eram colocadas em barcos e jogadas em alto mar. A hospitalização ainda não era voltada para a cura, mas para os últimos cuidados e como um local de morrer. Pinel foi um dos precursores do movimento tido como a Primeira Reforma Psiquiátrica, mas em meados do século 18, a institucionalização passou a ter função de disciplina, esse modelo asilar foi bastante criticado e frente a esse contexto houve de fato a Reforma Psiquiátrica brasileira, influenciada por Franco Basaglia para o rompimento do modelo psiquiátrico e asilar onde foram criados serviços substitutivos no contexto brasileiro para superar o modelo asilar, Barbosa et al. (2016).

(83) 3322.3222

[contato@conbracis.com.br](mailto:contato@conbracis.com.br)

[www.conbracis.com.br](http://www.conbracis.com.br)

Segundo Alves et al. (2017) esse movimento vem ganhando forças se solidificando e sendo alvo de novas discussões sobre a saúde mental brasileira e elaboração de novas alternativas interventivas, no campo da atenção psicossocial, novas formas de desinstitucionalizações, integralidade no cuidado e horizontalização das relações interprofissionais e com usuários para uma melhor superação da relação sujeito-objeto, a relação dos usuários e dos familiares em relação ao serviço também melhorou, a satisfação com o mesmo, incluindo o fato de que a internação só é feita em última instância, sendo realizada apenas quando o usuário está em crise e outros dispositivos da rede não resolvem, sendo menos necessárias, diminuindo a recorrência do modelo hospitalocêntrico, onde a menor necessidade de internação também é causa de uma maior qualidade do serviço, da medicação, do cuidado e das formas de tratamento, tendo como exemplo a realização das oficinas de arteterapia e outras.

Para Bittencourt, Francisco e Mercado(2013), as oficinas são importantes instrumentos da Reforma Psiquiátrica no contexto brasileiro da saúde mental como estratégia de ressocialização e reabilitação social, onde a oficina é uma forma de ocupação, de simbolização, de socialização, de aprendizado, tendo sempre uma proposta terapêutica para o usuário do serviço, nesse contexto é proporcionado que o mesmo mantenha o cuidado consigo.

O presente artigo busca estudar a importância das oficinas em saúde mental e a assistência individualizada para o usuário do serviço, tendo em vista que é primordial compartilhar as experiências acadêmicas vivenciadas no contexto de uma oficina para usuários da saúde mental.

## **Metodologia**

Este estudo caracteriza-se por ser um estudo de caso, envolvendo uma revisão bibliográfica, de cunho qualitativo. O presente relato, ocorreu na cidade de Campina Grande, no Centro de Convivência, Cultura e Artes de Saúde Mental, onde são desenvolvidas oficinas e outras atividades das Residência Terapêuticas, tanto masculinas quanto femininas, onde residem usuários egressos do Hospital Psiquiátrico João Ribeiro, o que aconteceu depois da desospitalização da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

A oficina de arteterapia, correspondente ao estudo, foi realizada em uma oficina terapêutica cotidiana nas tardes de segundas-feiras para a Residência Terapêutica Feminina III, com as 6 usuárias que residem. A vigente pesquisa

possui autorização e liberação institucional, onde os coordenadores do serviço que correspondem aos responsáveis dos usuários, autorizaram o estudo. Buscando uma maior efetivação do cuidado especializado em Saúde Mental, a humanização e empatia nas atividades desenvolvidas com esse público alvo.

A oficina foi dividida em duas partes, duas Segundas- feiras. A primeira parte correspondendo a pintura do material a ser utilizado na colagem e posteriormente a pintura de tela e colagem, todas as usuárias realizaram a atividade proposta, exceto uma única usuária que costumeiramente não participava de nenhuma atividade desenvolvida nem expressava nenhuma interação. Na segunda parte da oficina, a usuária que não agia mutuamente, interagiu inicialmente com aicineira e posteriormente a esse contato, a mesma inter-relacionou-se com as demais usuárias, não realizou a atividade proposta mas realizou a atividade dentro das suas condições motoras e cognitivas, produzindo uma arte abstrata na sua tela e durante a oficina comunicou-se com aicineira e as demais participantes da oficina.

O presente artigo busca arcabouço teórico para validar a importância da humanização em Saúde Mental, empatia doicineiro para com o usuário, assistência individualizada e oficinas em Saúde Mental. Os artigos foram pesquisados no banco de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), artigos em português, buscados com os descritores: oficina, saúde mental, atenção, usuários e psicossociais. Para os descritores: oficina e saúde mental, foram encontrados 10 artigos, destes, foi escolhido 1 artigo para compor a investigação da pesquisa. Para os descritores: atenção e saúde mental, mostrou-se disponíveis 535 artigos, dos quais, 5 foram selecionados para acrescentar dados ao estudo. Para os descritores: usuários e psicossociais, disponibilizou-se de 29 artigos, dos quais, 2 foram eleitos para construção dos conceitos do trabalho. Foram utilizados dez artigos inicialmente, com estruturas mistas de gênero de pesquisa prática e bibliográfica, com o intuito de abarcar evidências em campo e bases teóricas de análise. Os preceitos de inclusão elegidos compõem em artigos que integram validade de tempo limitada de cinco anos, que antecedem ao ano de produção do corrente trabalho e que apresentem a temática da forma que se possa fazer uma análise reflexiva do conteúdo, excluindo-se da investigação artigos que não comportam o critério delimitado de tempo válido para apuração dos dados relevantes e que discuta assuntos distantes ao tema escolhido.

## **Resultados e Discussão**

Na revisão integrativa foram utilizados os 8 artigos que constituem vertentes sobre o tema, melhor especificados na tabela abaixo, sendo 2 artigos retirados do SciELO, conteúdo análise reflexiva de argumentos teóricos e 6 artigos localizados no mesmo banco de dados com pesquisas e intervenções realizadas diretamente no campo. Resultou na categorização de: 1. Práticas de cuidado em saúde mental, 2. O acolhimento por profissionais, 3. Qualidade do serviço prestado aos usuários, 4. Conduta terapêutica como trabalho contínuo, 5. Suporte estratégico de apoio matricial às equipes de saúde mental, 6. Inovações nas práticas de oficinas, 7. Importância do trabalho para além das oficinas. Concluindo sobre a discussão destes.

**Tabela demonstrativa de artigos eleitos para anatomizar o conteúdo através da base de dados**

<b>Gênero de estudo</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Revista</b>	<b>Autores</b>	<b>Banco de dados</b>
Relato de experiência	Oficinas com usuários de saúde mental: A família como tema de reflexão	2017	Psicologia Ciência e Profissão	Raquel Souza Coelho, Thelma Maria Grisi Veloso, Sibelle Maria Martins de Barros	SciELO
Revisão integrativa	Apoio matricial como ferramenta de articulação entre a saúde mental e a atenção primária à saúde	2013	Caderno de Saúde Pública	Dana Karine de Sousa Machado, Marcio Wagner Camatta	SciELO
Relato de experiência	Autoria em Blog por Pessoas em Sofrimento Psíquico: Aprendizagem Compartilhada, Reconhecimento e Promoção da Saúde Mental	2013	Psicologia Ciência e Profissão	Ivanise Gomes de Souza Bittencourt, Deise Juliana Francisco & Luís Paulo Leopoldo Mercado	SciELO
Estudo de caso	Sentidos e Processos Psicossociais envolvidos na Inclusão pelo Trabalho na Saúde Mental	2016	Psicologia Ciência e Profissão	Ramiz Candeloro Pedroso de Moraes, Carlos Roberto de Castro Silva	SciELO
Estudo de Caso	O conceito de acolhimento em ato: reflexões a partir dos encontros com usuários e profissionais da rede	2017	Saúde Debate	Moises Romanini, Pedrinho Arcides Guareschi, Adriane Roso	SciELO
Estudo de Caso	Indicadores qualitativos de satisfação em saúde mental	2017	Saúde Debate	Poliana Farias Alves, Luciane Prado Kantorski, Valéria Cristina Christello Coimbra, Michele Mandagará de Oliveira, Karine Langmantel Silveira	SciELO
Estudo de Caso	Práticas de cuidado em saúde mental na voz dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial do estado do Pará	2016	Saúde Debate	márciaroberta de oliveira Cardoso, Paulo de tarso ribeiro de oliveira, Pedro Paulo Freire Piani	SciELO
Revisão integrativa	O cuidado em saúde mental no Brasil: uma leitura a partir dos dispositivos de biopoder e biopolítica	2016	Saúde Debate	Valquiria Farias Bezerra Barbosa, Fernanda Martinhago, Ângela Maria da Silva Hoepfner, Patrícia Kozuchowski Daré, Sandra Noemi Cucurullo de Caponi	SciELO

Fonte: Elaboração Própria

(MORAES; CASTRO-SILVA, 2016) compreendem o trabalho como sentido de entretenimento e não de responsabilidade hierárquica,

caso fosse, não produziriam um sentido terapêutico e de cidadania, é necessário que sejam ouvidos em favor de suas experiências aprendidas e que sua voz traga mudanças no sistema de gestão, evidenciando a ideia de colocar o sujeito como centro de evolução, garantindo sua visibilidade em sua função social, usufruindo de relações interpessoais no trabalho e percebendo seu potencial para produção.

Bittencourt, Francisco e Mercado (2013) percebem as oficinas como oportunidades de desenvolvimento da autonomia e um espaço para produção subjetiva, não colocando limitações em seus usuários, mas capacitando-os à exploração de conteúdos essenciais que a sociedade utiliza, como por exemplo o contato com assuntos cotidianos. Essas atividades os envolvem em desafios possíveis de enfrentamento para desconstruir conceitos de incapacidade que os ditames sociais lançam para os usuários.

Não devem ser apenas levadas como um preenchimento do tempo, mas aproveitadas de forma a trazer relevância em sua vida. O autor cita a importância de incluir os pacientes no contato com os serviços informacionais na saúde mental, vistos como possíveis na questão pessoal dos pacientes, pois o fazem participantes dos direitos da cidadania.

Romanini, Guarsh e Roso (2017) atentam principalmente para a prática do acolhimento no serviço, a elaboração de uma construção comum a partir da prática de acolhimento, entendendo que é nele que acontece a troca de afetos e de saberes, entre profissional e usuário, o que vai delimitar se o usuário continuará ou não no serviço, fora adesão ou não ao tratamento, fazendo com que o mesmo possa desenvolver ou não as atividades ou oficinas terapêuticas propostas. A partir desse acolhimento o indivíduo pode se sentir “bem” ou “mal”, o que acarretará em consequências para o seu estado atual, ou por outro lado, deixar o usuário confiante para realizar os exercícios propostos, onde esse acolhimento está baseado em uma postura ética e com uma tecnologia do cuidado.

Na visão de Alves et al. (2017) é pontuado o trajeto até chegar na Reforma Psiquiátrica e das novas práticas de cuidado, onde é preconizado a reabilitação, ressocialização e a autonomia dos usuários. É necessário que, para verificar a efetivação desses serviços e os resultados das ações, é necessário ouvir a família e o usuário do ponto de vista de ambos, e é através da boa execução do serviço, os familiares e usuários passam a se sentir bem, e passa a ter menos crises, conseqüentemente um menor número de internações psiquiátricas. Outras formas de práticas de cuidado é a realização das oficinas de arteterapia e outras, dentro desse contexto, a família passa a entender sobre o diagnóstico e as formas de

tratamento fazendo com que os mesmos participem do tratamento.

Corroborando com essa ideia, Cardoso, Oliveira e Piani (2016) também traz a ideia de uma nova estratégia de cuidado em saúde mental, com novos saberes, uma nova forma de cuidar baseada na integralidade e nas necessidades apresentadas pelo sujeito. Levando sempre em consideração o tipo de acolhimento, o tipo de tratamento entre outros que influenciam no processo de saúde e doença do usuário onde tudo isso foi proporcionado pelo redirecionamento do modelo assistencial, do resgate a cidadania, do empoderamento dos direitos dos usuários o que possibilita novas praticas de cuidado.

Coelho, Veloso e Barros (2017) trazem a ideia de trabalho adjunto com a família dentro do processo terapêutico como estratégia de intervenção utilizando o elo afetivo como auxiliador e não como total responsável das evoluções dos usuários, desmistificando o seus conceitos sobre família idealizada que causam angústias psíquicas por anseios de alcançá-las em sua vivência e desenvolvendo novas expectativas de responsabilidade pessoal para com ela.

Segundo Barbosa et al. (2016), critica o modelo hospitalocêntrico, as práticas psiquiátricas, a medicalização do sujeito mediante crise e sofrimento psíquico, e um novo olhar para que esses serviços substitutivos brasileiros apresentam realmente uma liberdade quanto a prática médica e atente para uma nova forma de cuidado e trabalhe como uma rede de fato, de forma efetiva, proporcionando uma rede de cuidados.

Machado e Camatta (2013) percebem o apoio matricial como um suporte de comunicação entre as equipes de saúde mental baseada na ideia da Reforma Psiquiátrica para melhor direcionar atendimentos da rede primária às rede especializadas, evitando que pessoas com adoecimentos psíquico considerado menos severos, recebam intervenções desnecessárias, e que as pessoas com transtornos graves sejam melhor atendidas prontamente. O autor não identifica em sua síntese que os profissionais estejam amplamente preparados para manejo de pacientes em situação instável, na saúde primária. Os profissionais não dominam ainda a ideia do matriciamento, percebendo a necessidade de debater mais sobre suas ações potencializadoras no serviço. No âmbito positivo se identifica a abertura para novos espaços de trabalhos multidisciplinares, descentralizando responsabilidades e propiciando uma melhor visão de necessidades peculiares dos atendimentos. Por isso a necessidade que essa ideia se solidifique como referência para os profissionais de saúde.

## Conclusão

Conclui-se que existe uma rica bagagem de arcabouço teórico sobre o presente tema nos bancos de dados, onde foi escolhido apenas um banco de dados pela vasta gama de material no contexto de assistência e qualidade nos serviços de saúde mental. Na perspectiva de Machado e Camatta (2013) às décadas de 70 e 80 foram decisivas para esse novo cenário de saúde mental para sociedade, o fato mais importante nesse aspecto seria a Reforma Psiquiátrica, o trabalho de rede de saúde com a efetivação das políticas públicas e ações de serviço de saúde. Conforme o movimento de Luta Antimanicominal, e as denúncias feitas de abusos e maus-tratos e eclodiu essa reforma, trazendo com ela mudanças nas práticas, nos saberes, nos valores sociais e culturais proporcionando direitos a esses usuários, resgate da autonomia e humanização do cuidado.

As oficinas entram nesse contexto, enfatizando o cuidado humanizado, buscando sempre um trabalho com propostas terapêuticas, enfatizar a importância da assistência individualizada em saúde mental, e com isso a identificação de pontos com a qualidade do serviço, da medicação, para um maior e mais efetivo envolvimento deste usuário na oficina, na socialização com os demais usuários e no desenvolvimento da atividade proposta dentro da oficina.

Afirmando Romanini, Guareschi e Roso (2017), o acolhimento por parte do profissional pode ser visto e entendido como um dispositivo de construção comum entre usuários e profissionais, entendido como troca de afeto e saberes pelos mesmos. Esse acolhimento acontece desde que o usuário “entra” no serviço, o que podemos destacar como uma atividade vinda do profissional que acolhe, resultando em adesão ou não, continuidade do tratamento ou não, onde esse olhar estende-se desde o usuário do serviço até a família, esse acolhimento influencia diretamente na assistência individualizada e no envolvimento do cenário com o serviço e atividade proposta.

### Referências

BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza; FRANCISCO, Deise Juliana; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Autoria em blog por pessoas em sofrimento psíquico: aprendizagem compartilhada, reconhecimento e promoção da saúde mental. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 4, p. 988-999, 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000400016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000400016&lng=pt&nrm=iso). acessos em 04 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000400016>.

MACHADO, Dana Karine de Sousa; CAMATTA, Marcio Wagner. Apoio matricial como ferramenta de articulação entre a Saúde Mental e a Atenção Primária à Saúde. **Cad. saúde colet.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 224-232, jun.

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

[www.conbracis.com.br](http://www.conbracis.com.br)

2013 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-462X2013000200018&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2013000200018&lng=pt&nrm=iso) . acessos em 04 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-462X2013000200018>

ROMANINI, Moises; GUARESCHI, Pedrinho Arcides; ROSO, Adriane. O conceito de acolhimento em ato: reflexões a partir dos encontros com usuários e profissionais da rede. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 41, n. 113, p. 486-499, abr. 2017 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042017000200486&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000200486&lng=pt&nrm=iso) . acessos em 04 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201711311>.

ALVES, Poliana Farias et al . Indicadores qualitativos de satisfação em saúde mental. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 41, n. spe, p. 50-59, mar. 2017 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042017000500050&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000500050&lng=pt&nrm=iso) . acessos em 04 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-11042017s05>

CARDOSO, Márcia Roberta de Oliveira; OLIVEIRA, Paulo de Tarso Ribeiro de; PIANI, Pedro Paulo Freire. Práticas de cuidado em saúde mental na voz dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial do estado do Pará. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 40, n. 109, p. 86-99, jun. 2016 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042016000200086&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042016000200086&lng=pt&nrm=iso) . acessos em 04 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201610907>

BARBOSA, Valquiria Farias Bezerra et al . O cuidado em saúde mental no Brasil: uma leitura a partir dos dispositivos de biopoder e biopolítica. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 40, n. 108, p. 178-189, mar. 2016 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042016000100178&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042016000100178&lng=pt&nrm=iso) . acessos em 04 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104-20161080015>